



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

A SOCIOPOÉTICA COMO MÉTODO PARA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Maria Cristina Treptow Marques¹
Alfredo Guillermo Martin Gentini²

RESUMO

Este artigo, através de uma revisão bibliográfica, busca o conhecimento e a compreensão de algumas características essenciais do método sociopoético em pesquisas qualitativas, o que consiste em um excelente dispositivo para ser utilizado em Educação Ambiental. Como um campo epistemológico e político em construção, a Educação Ambiental na contemporaneidade dialoga com diversos sentidos e significados, configurando um espaço para outros métodos científicos. A sociopoética possui um devir revolucionário, pois traz uma outra linguagem na multiplicidade de metodologias de pesquisa. Provoca reflexões sobre o papel do pesquisador e a relação com os sujeitos envolvidos, além de re-pensar a busca de ferramentas que expressem outras maneiras de comunicação e produção de dados. Intenta traçar uma linha de fuga por seu caráter ousado e inseguro, em que o pesquisador foge de seu ímpeto enquanto “proprietário” dos discursos, das análises e da divulgação para formar uma pesquisa com o coletivo, o que resulta na elaboração de *confetos* – conceito e afeto - emergidos e criados pelo grupo-pesquisador.

Palavras- Chave: Sociopoética; Pesquisa qualitativa; Educação Ambiental

ABSTRACT

This article, by bibliographic reviser, aims to know and understand some essential features of a sociopoetic method in qualitative research, including to be used in Environmental Education. As an epistemological and politic field in construction, the Environmental Education currently dialogue with various meanings, also by

¹ Bióloga, Mestre em Educação Ambiental e Técnica em Assuntos Educacionais do IFSul. E-mail: mctmarques@yahoo.com.br

² Psicólogo, Pós Doutor em Ciências da educação e Professor do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da FURG. E-mail: martingen@ibest.com.br

using other scientific method. The sociopoetic has becoming revolutionary, because it brings a different language in multiple research methodologies. It causes thinking about the role of the researcher and the relation with the individuals involved, also a re-thinking the tools that express other ways to communicate and producing data. It try to escape for your daring and unsafe way, in which the researcher runs away from self to construct discourse, analyzes dates and disseminates the research with the collective, which results in the creation of *confetos* - concept and affection - emerged in the group-researcher.

Keywords: Sociopoetic; Qualitative research; Environmental Education

1. Introdução

Pessoas que praticam e refletem a Educação Ambiental questionam acerca de suas características enquanto campo epistemológico. Percebe-se ao mesmo tempo uma ânsia por delimitação e a busca por novos discursos, fazeres, alianças e diálogos.

Por sua origem nos movimentos sociais que problematizaram o modelo de vida hegemônico, uniram-se ao percorrer do caminho diversas frentes, múltiplas linguagens, rostos e faces. Provocadora e promotora de reflexões e desejos de pensar uma outra realidade, também se configura como um campo acadêmico. Esse surge a fim de sistematizar, aprofundar e evoluir o conhecimento teórico e prático do movimento da Educação Ambiental, o que abre espaço para as dimensões das pesquisas científicas.

Por isso, re-pensar os métodos de pesquisa consiste em um devir revolucionário constante para que a pesquisa qualitativa possa acompanhar o que se pretende com o campo da Educação Ambiental. Re-inventar outras maneiras de se relacionar com o mundo, mais solidárias e justas sócio-ambientalmente, inclusive na maneira de se relacionar com os sujeitos de pesquisa e a produção da própria pesquisa.

É visto que por herança do processo sócio-histórico muitas pesquisas em Educação Ambiental utilizam metodologias advindas das ciências humanas que se encontram em questionamento. Conhecer e arriscar outros métodos consiste em devires científicos, ou seja, um vir a ser uma outra maneira de fazer ciência. Nesse contexto, devemos sempre problematizar a reorientação da produção de bens materiais e imateriais em pequena e grande escala, incluindo a produção do conhecimento. É necessário “Reconstituir o conjunto das modalidades de ser-em-grupo” (GUATTARI, 2001, p. 16).

Ao falar do ser-em-grupo em um método de pesquisa, a sociopoética se configura como uma desconstrução do próprio pesquisador pelo grupo-pesquisador. Traz em seu caráter educativo a tentativa de viver a pesquisa saindo do individualismo para adentrar no coletivo. Para isso, é necessário sairmos de nós mesmos, desentender-se de si mesmo, de nossas certezas, de nossos pré-conceitos (PLACER, 2001).

A Educação Ambiental intenta colocar o papel do educador ambiental como aquele que possui na sua prática um projeto político e de vida, e que suas idéias de mudanças abraçam não somente uma nova sociedade, mas também um novo sujeito, que se vê como parte desta mudança e a compreende como uma revolução de corpo e alma, ou seja, uma reconstrução do mundo incluindo os estilos de vida pessoal e social (CARVALHO, 2002).

Há uma complementaridade do método sociopoético com a Educação Ambiental em diversas situações, tais como, a maneira coletiva de apropriação da pesquisa, a ciência e o diálogo com a sociedade e o corpo todo como fonte de conhecimento. Além disso, problematiza valores instituídos e instituintes em todos os envolvidos com a pesquisa.

Devemos criar universos críticos para o combate à falta de alternativas, às crenças instituídas de que não há possibilidades de mudanças. Os valores desse universo podem ser encarados como otimismo ou, quem sabe ainda, a não acomodação frente à vida (BARCELOS, 2004).

Assim, a criação e a utilização de outros métodos de pesquisa provoca a reflexão sobre a relação dos envolvidos numa pesquisa qualitativa, trazendo outras possibilidades, novos diálogos e reflexões na ciência.

1.1. O que é a Sociopoética?

A sociopoética é um método que pretende a pesquisa coletiva por meio da construção conjunta do conhecimento. Utiliza-se de dispositivos artísticos para reflexão e produção de dados e tem como característica diferencial a participação dos sujeitos na análise e na re-construção conceitual.

A sociopoética traz uma outra relação entre os sujeitos da pesquisa pelo grupo pesquisador. O conhecimento é perpassado pelos co-pesquisadores, que são os sujeitos envolvidos diretamente com a pesquisa, e se cria o conceito a partir do coletivo. Nesse ínterim, é o próprio grupo que produz os dados e os analisa, portanto o que seria o tradicional pesquisador é transmutado para facilitador, desempenhado de um papel de mediação na pesquisa.

Esse método traz uma lógica da não alienação do sujeito falante, sua singularidade reside em não se apoderar dos discursos. O que acontece na maioria das pesquisa é

interpretação do pesquisador somente a partir de seu significado e sentido, o que pode vir a se tornar uma violência simbólica para com o outro (GAUTHIER, 2004).

O grupo pesquisador é o centro vivo do método sociopoético, e há uma exigência ética e política fundamental para a existência deste na pesquisa, o que a difere de outros instrumentos (GAUTHIER 1999a).

O significado da sociopoética provém do caráter de socialização da pesquisa, isto é, uma prática poética na criação do conceito socialmente construído, a partir da cooperação e do senso de coletividade. A poética se configura na abstração do conceito a partir de metáforas induzidas por técnicas artísticas, pois a metáfora provoca problematizações pelo seu sentido ambíguo. Parte-se da imagem metafórica de cada co-pesquisador para o universo coletivo e social, revelando-se, ao mesmo tempo, o instituído e vertentes instituintes.

Como o próprio nome revela, a sociopoética, em sua raiz etimológica, é representada pelo “socius” que significa companheiro, aquele que compartilha o mesmo pão, e “poiésis”, criação, do latim e do grego, respectivamente (FLEURI, 2005). Assim, consiste na partilha e na criação de conhecimentos e saberes que são desvelados pelo grupo-pesquisador, e na produção de uma outra maneira de perceber-se e pertencer ao mundo por intermédio de elementos estéticos.

Idealizada pelo filósofo e pedagogo Jacques Gauthier³, consiste em uma ferramenta para a percepção dos *afectos* de uma situação proporcionada e a reflexão sobre esta, na tentativa de observar quais sentimentos, idéias e ações são provocados. Afectos não significam somente abraços e carinhos, mas afecção, o afetar-se frente a uma experiência. Por este método, os afectos são estimulados por intervenções artísticas que possibilitam a emersão de desejos, conflitos, contradições e dificuldades.

Para Petit e Soares (2002 apud MORIN, 1986) a sociopoética deve ser compreendida como um método e não uma metodologia. Essa justificativa baseia-se no fato de que a metodologia na ciência encontra-se fechada e bem delimitada, já um método cria-se e é re-criado por seus participantes e suas múltiplas experiências.

³ Filósofo, poeta e pedagogo francês. Pesquisador da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Assim, a sociopoética consiste em um método, uma maneira de experimentar a pesquisa em sua abordagem coletiva, em todas as suas instâncias e etapas, e os dados são produzidos por intermediações para além da racionalidade.

Gauthier (2004) define a pesquisa sociopoética como “uma auto-análise coletiva, facilitada por pessoas praticando dispositivos e técnicas apropriadas.” (p.8).

Enfim, a sociopoética vem a proporcionar novos olhares e afazeres no coletivo de sujeitos em pesquisas qualitativas, encontrando-se em evidência as múltiplas vozes e a sensibilidade emergida pela arte.

1.2. Objetivo e importância

A quebra de paradigma pelo chamado grupo-pesquisador consiste em um elemento incomum nas metodologias científicas, isto é, o próprio grupo escolhe o tema de pesquisa, e a produção de dados e a análise são realizadas em conjunto.

A importância desse método participativo reside no fato de que como todos são pesquisadores de si e do grupo, não há a tão comum “conscientizadora” hierarquia acadêmica, mas todos se conscientizam conjuntamente e com o mundo, integrando saberes.

Para Silveira (2008), a sociopoética não corresponde a alguns elementos geralmente encontrados na ciência moderna que utiliza o método indutivo da realidade e que acabam por excluir as contradições, a complexidade e homogeneiza as diferenças.

Por meio dela, utiliza-se técnicas artísticas para provocar sensações e afecção. Envolver esse senso estético reside no fato de possibilitar outros ângulos de análise e, às vezes, elementos paradoxais do grupo, funcionando como um dispositivo gerador de dados não previsíveis, os quais permitem tocar e analisar a afetividade e o inconsciente (PETIT *et. al.*, 2005).

Daí emergem valores instituídos e instituintes, revelando-se um excelente potencial com caráter transformador pelo sentido que cada um coloca em sua própria vida e nos espaços sócio-ambientais em que convive.

Para a transformação, o sujeito deve-se sentir autor de sua própria história. A produção de dados e o pertencimento como pesquisador gera profundas mudanças: “a produção de dados mediante técnicas artísticas é seguida imediatamente da

explicitação/análise pelo grupo-pesquisador dos significados atribuídos à mesma.” (SANTOS, 2005, p.197).

Sentir-se um sujeito falante e tomar consciência de seus sonhos, problemas e atitudes são o que possibilitam a transformação. A consciência não é dada por alguém, o facilitador apenas “cutuca”, agita, problematiza as questões do grupo-pesquisador para em conjunto analisarem as múltiplas realidades existentes e o seu papel no mundo.

2. As fundamentações da Sociopoética

A sociopoética tem como base alguns referenciais teóricos (PETIT, *et. al.*, 2005):

A *Análise Institucional*, como ferramenta para o surgimento de atitudes e pensamentos instituintes e instituídos, na maioria das vezes ocultos, através da utilização de dispositivos. O desvelamento do processo institucional permite a compreensão dos valores e das práticas realizadas pelo grupo (BAREMBLITT, 2002).

Outro conceito também utilizado é o de analisador, em que segundo Petit *et. al* (op. cit.) este pode ser:

uma pessoa, um acontecimento ou fenômeno que revela algum traço fundamental da face oculta da instituição, que traz à tona a coisa não dita, rechaçada como não significativa ou inexistente. O uso de técnicas artísticas no quadro do dispositivo do grupo-pesquisador é uma maneira de chamar analisadores (p.5-6).

Essa mesma autora ressalta que através da Análise Institucional, a sociopoética ganha uma face em que:

[...] trata-se de um movimento de atuação e pensamento multireferencial que se utiliza de uma série de conceitos já existentes, mas reelaborados na perspectiva de um novo campo de coerência, apoiado essencialmente na categoria de contradição. [...] busca propiciar processos autogestivos e auto-analíticos em todos os âmbitos de intervenção e/ou pesquisa. (PETIT e SOARES, 2002, p.2)

Outro referencial é a *Esquizoanálise*, trazida por Deleuze e Guattari, como crítica à tendência homogeneizadora das pessoas, sendo rotuladas pelo que está instituído, e a proposição de uma outra maneira de produzir o processo de subjetivação, pelo deixar-se viver em sua heterogeneidade, assumindo devires, como um vir a ser e se perceber sendo. Por isso, a esquizoanálise estimula devires revolucionários, e o devir é estimulado pelo método da pesquisa sociopoética. Conforme nos coloca Gauthier e Santos (1996):

(...) o único poder que nós reconhecemos é o de abrir um devir, graças ao dispositivo da pesquisa. Depois, quer o grupo como unidade heterogênea, quer cada pessoa, fará deste devir o que quiser. Isso é sua liberdade. Poderá até nos odiar. De qualquer forma, recusamos toda vontade de cuidar, libertar outras coisas além fluxos, linhas de fuga (p.16).

Nesse sentido, a sociopoética leva em consideração o estudo da produção de subjetividade. Deleuze e Parnet (1977) colocam a subjetividade como um deserto povoado de tribos, faunas e floras. Empregamos o tempo em dispor esses povoados de diferentes formas, fazendo prosperar as combinações que nos habitam e que produzem vitalidade.

Tem-se ainda como referencial Augusto Boal, com técnicas artísticas baseadas no Teatro do Oprimido. Consistem em ferramentas que suscitam o inconsciente pelo potencial de estimular o corpo todo como fonte de conhecimento. É o ato de observar-se de uma outra maneira ainda não experimentada: trazer o que é sentido pelo diferente e pelo estranho. A característica principal frente a essa abordagem é o sujeito como ator-construtor de sua própria experiência.

A partir do Teatro do Oprimido, começaram a se desenvolver outras técnicas artísticas na pesquisa, na medida em que vários sujeitos foram experimentando o método. A sociopoética utiliza a construção de imagens corporais formando “alegorias às quais os participantes atribuem significações, às quais são registradas e discutidas para posterior sistematização.” (PETIT *et. al.*, 2005, p. 8).

A *Escuta Sensível* de René Barbier serve também de referência pelo registro e reflexão do dito e do não-dito, gestos e sensações, na tentativa de compreender o outro sem julgá-lo. Escutar a realidade de outras formas, que são colocadas e sentidas no grupo.

Na medida em que a sociopoética é utilizada principalmente com povos e culturas de resistência, a teoria de Paulo Freire também se faz referência, pela aprendizagem entre saber popular e acadêmico, através do grupo-pesquisador. Até porque, a pesquisa costuma ter como seus sujeitos os participantes dos conflitos e das resistências contra a opressão característica do sistema capitalista. Segundo Petit *et. al.* (2005) essa método provém de uma leitura da teoria de Paulo Freire por sua essência dialógica com os oprimidos e pela escolha de temas geradores a serem trabalhados pelo grupo na viabilidade de codificar e decodificar a própria realidade.

Os temas geradores consistem em temas construídos a partir de palavras, frases do cotidiano das pessoas a fim de estimular a compreensão crítica da realidade, isto é, a análise crítica de uma situação existencial escolhida. Ao pensar criticamente sobre a forma de estar e atuar sobre a situação, o sujeito tende a ser mais, por se reconhecer no mundo e lutar pelo que se quer (FREIRE, 2005).

Tomando como referência a proposição de Freire (2005, p.114) acerca do tema gerador, este afirma: “Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis.”.

Da mesma maneira, a sociopoética codifica o contexto dos sujeitos por meio das técnicas artísticas e a descodificação ocorre através da análise dos dados produzidos – escritas de narrativas, fotos, filmagens... - que servem para auxiliar na abstração do mundo cotidiano. Com isso, podemos fazer um paralelo entre o grupo-pesquisador e os círculos de cultura na proposta de Paulo Freire.

Logo, a sociopoética consiste em uma mistura, por vezes antagônica, porém complementar, entre sujeitos e suas teorias, entre sujeitos e suas pesquisas. Constitui-se em um eterno ir e vir, e transformar a partir do ponto de atitude e observação de um experimentar sociopoético.

3. Princípios Sociopoéticos e Eventos Indispensáveis

Para a realização desse método, alguns princípios devem ser respeitados (PETIT *et al.*, op. cit.):

- a formação de um grupo pesquisador, no qual conhecimentos e saberes de todos os participantes são válidos e de igual importância;
- a valorização das culturas populares e o compromisso do facilitador em trabalhar com sujeitos que possam se potencializar a partir da própria tomada de consciência;
- a utilização do corpo para a produção de conhecimento, pois podemos enganar com as palavras, dificilmente com os gestos e as expressões;
- a intenção de que surjam “confetos”, consistindo na formação de conceitos pelas sensações-ações provocadas;
- não produzir hierarquias entre os participantes.

Para isso, a sociopoética compreende algumas etapas (PETIT e SOARES, 2002):

- 1) a negociação do tema gerador e a produção de dados que ocorre por meio de oficinas, o que implica na limitação do número de pessoas envolvidas (geralmente um grupo de 10 a 20 pessoas);
- 2) a análise dos dados pelos facilitadores;
- 3) a contra-análise - os facilitadores da pesquisa elaboram suas análises sistematizadas e confrontam esses achados com as visões dos co-pesquisadores;
- 4) a socialização da pesquisa, cuja forma de realização é decidida junto com os co-pesquisadores.

3.1. Técnicas Artísticas e a Produção de Imagens Metafóricas

Como uma das características da sociopoética é pesquisar com o corpo todo, as técnicas artísticas dão o suporte para a comunicação para além da fala. Soares (2009) afirma que em termos teóricos e operativos isso significa a adoção de um corpo de procedimentos e instrumentos diferenciados da pesquisa qualitativa convencional, não centrado apenas na fala dos sujeitos da pesquisa.

Pesquisar com o corpo todo revela o que Deleuze e Guattari (1980) chamam de *agenciamento maquínico de corpos*, em que os corpos transbordam tempos e lugares instituídos, já que a fala verbal muitas vezes expressa somente o que os co-pesquisadores acreditam que o facilitador queira ouvir. Inversamente, revelam também pontos de desterritorialização, linhas de fuga instituintes na medida em que criam ligações inesperadas, pois outros elementos para além da racionalidade são estimulados pelo senso artístico: gestualidade, imaginação, intuição, emoções. Segundo Gauthier (2004), o corpo escapa à ordem semântica, à intencionalidade racional.

Além de estimular a memória de sensações de situações vividas, as técnicas promovem também a capacidade interativa, integrativa e participativa. Desse modo, essas dinâmicas fazem emergir conhecimentos velados, singulares, íntimos, muitas vezes não conhecidos pelos próprios participantes da sociopoética (SATO, GAUTHIER, PARIGIPE, 2005).

Devemos levar em consideração que a utilização das dinâmicas é um dispositivo, portanto, potencialmente gerador de dados não previsíveis, permitindo revelar o

inconsciente e a afetividade (PETIT et. al., 2005). É preciso provocar tal estranhamento e mexer com os sentidos que as pessoas normalmente não utilizam.

Para essa mesma autora:

Nos grupos em que o imaginário do grupo é povoado de referências instituídas, recomenda-se que os facilitadores da pesquisa experimentem gerar estranhamento para desfazer a falsa homogeneidade, para aguçar o imaginário dos co-pesquisadores (PETIT, 2002, p.7).

A imagem como narrativa, como senso estético pela percepção e sensibilização, que desterritorializa, provoca um outro território na ciência, uma pesquisa-arte. E conforme Kirst (2003), uma das maneiras de comunicação da contemporaneidade é através da imagem. Somos seres extremamente visuais e a pesquisa científica pode se apropriar desse dispositivo referente à atualidade.

As técnicas artísticas promovem a sensibilidade corporal, emotiva, oculta, capaz de captar o impensado, mas que transcorre intempestivamente. Kirst (2003, p.44) esclarece que o inconsciente não se refere somente ao intrapsíquico, mas “[...] pode ser identificado junto a qualquer produção discursiva, seus efeitos no coletivo e no eterno relançamento das palavras e das imagens como expressões das existências.”

Vale ressaltar que os dados são produzidos por metáforas, as quais escapam ao caráter objetivo, por seus múltiplos sentidos. Ocorrem ligações entre agenciamentos e desterritorializações, liga-se arte e ciência. Segundo Gauthier (2004) a metáfora consiste em “um instrumento de identificação do sentido que os sujeitos projetam no mundo.” (p.4). Ela desenha modelos de realidade complexa, imaginária e racional.

Assim, a estimulação conjunta possibilita conexões e relações da vivência de um grupo e das suas diversas maneiras de ser e, assim, consiste em uma “Asemblea de almas por donde circula el misterio de los encuentros” (KESSELMAN, 2007, p.3). O que também resgata aquele sentimento lúdico de infância de sermos muitos, como os heterônimos de Fernando Pessoa. A possibilidade de se perceber múltiplo.

O brincar ativa a mente, o corpo, a razão e a emoção, o que gera criatividade e produz bem-estar, a alegria. Nesse sentido, Petit et. al. (2005, p. 9) expressa: “A liberação das capacidades artísticas adormecidas é geralmente vivida pelo grupo-pesquisador como

um fluxo de auto-liberação muito importante, ao descobrir ou reativar suas potencialidades abafadas no dia-a-dia.”

Assim, podemos fazer um paralelo da práxis com os dispositivos utilizados na sociopoética, pois: “entre os grupos e o sentido, para eles, dos conceitos da vida cotidiana, sempre existe a mediação da práxis. [...] a práxis é mediatizada por imagens, toques, cheiros, gostos, ritmos, espaços, olhares, tempos...” (FONTES e GARCIA, 2005, p. 290 *apud* GAUTHIER e SANTOS, 1996).

A práxis, reflexão e prática, prática refletida no corpo inteiro, na sensibilidade do estranhamento do brincar de ser e de ver o mundo a partir de uma outra posição.

3.2. A Criação Conjunta

- Grupo Pesquisador

A sociopoética traz à tona dois dispositivos: o grupo-pesquisador e o senso estético, os quais produzem agenciamentos, que consiste em “[...] uma montagem espacial e temporal estratégica (logo, cuidadosamente ”pensada”) que propicia o surgimento do novo, do heterogêneo, do singular, abrindo a vida para devires inesperados e criadores” (PETIT et. al., 2005, p.2). Esses dispositivos favorecem a emergência do não-dito e da análise coletiva crítica, revelando o instituído e o instituinte.

Adad (2005), seguindo o pensamento de Deleuze, afirma: “Nesse caso, o que mais conta não é apenas o trabalho em grupo, mas o fato estranho de trabalhar ‘entre’ as pessoas de um grupo. É deixar de ser autora da pesquisa e, ao contrário, proliferar encontros entre pessoas diferentes.” (p.221).

Silveira (2008) defende que a sociopoética se singulariza pelo seu método coletivo de pesquisa. Os sujeitos são co-pesquisadores, pois participam com seus saberes na escolha e reflexão de um tema escolhido pelo próprio grupo.

O grupo não é um, mas vários, múltiplos, perpassados pelo encontro com a vida de cada co-pesquisador, por suas experiências, preconceitos, sonhos e olhares. Dialogar com o grupo, com a multiplicidade é perceber a vida e o conhecimento como uma construção mutável e coletiva.

- O Diálogo na Análise e na Contra-Análise

Em um evento sociopoético, os pesquisados se tornam pesquisadores ao participar da experimentação, da produção da pesquisa, da análise e da leitura de mundo (GAUTHIER, 1999b). Tanto o dispositivo do grupo-pesquisador quanto o da análise crítica coletiva consistem em uma leitura da teoria de Paulo Freire. A importância da codificação e decodificação por técnicas artísticas e a análise conjunta refletindo sobre o cotidiano.

Freire (2005) comenta que a decodificação é um dispositivo para fazer a crítica, ou seja, por meio da análise conjunta reencontrar-se no mundo com os outros e nos outros através do diálogo, recriando a crítica do mundo. Por isso, a partir das oficinas, tentar reproduzir o movimento de sua própria existência.

Assim, o diálogo permite reconhecer seus outros eus. Freire (2005) argumenta que “O diálogo autêntico é o reconhecimento do outro e reconhecimento de si, no outro – decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. [...] o isolamento não personaliza porque não socializa.” (p.16,21).

Segundo Gauthier e Santos (1996, p.11), “o diálogo, instrumento de administração de conflitos é sempre abafado nas gargantas dos dominadores e dos dominados. O que existe é a voz de comando do dominador e a aquiescência do corpo e da cabeça do dominado.” Portanto, a importância da contra-análise e do sujeito falante de seus conhecimentos e experiências.

Segundo Petit et. al. (2005, p.12): “[...] o objetivo da sociopoética é a descoberta da estrutura do pensamento do grupo na sua heterogeneidade e não a realização de análises individualizadas.”

As imagens são pontos de partidas para uma série de reflexões. Kirst (2003, p. 46) comenta que: “[...] as imagens só tomam sentido quando cercadas pelos discursos que propiciam. Poder-se-á, então, perguntar: que conexões e leituras possibilitam ou que mutações as imagens tomam por sua exterioridade?”

Isso é extremamente importante na pesquisa, a construção conjunta para que não silencie os sujeitos de pesquisa, em que o pesquisador escreve somente a sua visão, e os sujeitos jamais se reconhecem em sua história.

Chamamos de produção de dados, pois de acordo com Petit et. al. (2005), estes são produzidos porque todo o grupo-pesquisador se envolve para que os dados possam existir.

Nesse sentido, não há sociopoética sem grupo-pesquisador, em que todos produzem coletiva e cooperativamente os dados e a sua análise (SATO, GAUTHIER, PARIGIPE, 2005).

A análise e a contra-análise objetiva a discussão problematizadora para a criação de *confetos*. Esse consiste em um conceito experimentado (GAUTHIER 1999b, apud DELEUZE e GUATTARI, 1991), possui autonomia em relação ao seu contexto, já que é construído pelo grupo-pesquisador. Ele serve como um potencial desterritorializador.

O grupo é autor de seus próprios conceitos, os *confetos*, um conceito elaborado a partir de afetos (SANTOS e SANTANA, 2005). A ação dialógica para a criação do confeto permite problematizar uma temática em torno de situações vivenciadas pelo próprio grupo-pesquisador. Permeia a auto-análise para chegar a uma síntese conceitual e buscar soluções para a transformação.

O processo de produção de subjetivação do grupo, pelas dinâmicas estéticas, favorecem a criação de *confetos*, como objetivo de refletir sobre questões relacionadas aos valores e à sensibilização dos problemas sócio-ambientais cotidianos a partir do próprio contexto cultural do coletivo.

Para Silveira *et. al* (2008), a sociopoética consiste em intensidades e afetos produzidos por encontros, gerando o processo de subjetivação dos envolvidos. O transformar poeticamente para conhecer envolve prioritariamente acentuar a fisionomia do grupo, em que o papel do facilitador é atentar e propor reflexões acerca do que é significativo aos participantes, e estimular assim discussões para a promoção de análise crítica e a conseqüente mudança de suas práticas cotidianas (GAUTHIER e SANTOS, 1996).

E por último, em um processo sociopoético há o diálogo para a socialização dos resultados da pesquisa coletiva e a interrogação do sentido social, político, ético e espiritual (GAUTHIER, 2004).

4. Conclusão

A sociopoética se configura como um método de pesquisa coletiva que complementa e auxilia de maneira efetiva para a construção de pesquisas no campo da Educação Ambiental.

Possibilita experiências significativas de todos os envolvidos no processo. A construção conjunta, a autogestão, o respeito aos discursos dos sujeitos, a multiplicidade de maneiras de produzir conhecimento, a sensibilidade e a reflexão da própria vida e sua relação com o mundo.

Enfim, este artigo apesar de introdutório, espera-se que tenha contribuído como explicitação do método sociopoético, seus princípios, etapas e ferramentas para sua aplicação.

REFERÊNCIAS

ADAD, Shara. Pesquisar com o Corpo Todo: Multiplicidades em Fusão. In: SANTOS, Iraci dos et. al. (Org.). *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: Abordagem Sociopoética*. São Paulo, SP: Atheneu, p. 217-238, 2005.

BARCELOS, Valdo. *Império do terror: um olhar ecologista*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

BAREMBLITT, Gregório. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Belo Horizonte, MG : Instituto Félix Guattari, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *A invenção ecológica: Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil*. 2.ed. Porto Alegre : UFRGS, 2002.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos: pré-textos*. Trad. José Vasquez. Valencia, Espanha: SOLER, 1977.

FLEURI, Reinaldo Matias. A abordagem Sociopoética. In: SANTOS, Iraci dos; et. al. (Org.). *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: Abordagem Sociopoética*. São Paulo, SP : Atheneu, 2005. Prefácio.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, RJ : Paz e Terra, 2005.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Marc/Abr, n. 25, p.127-142, 2004.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. Sociopoética - *Encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação*. Rio de Janeiro: Ed. Escola Anna Nery/UFRJ, 1999a.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. O que é pesquisar – entre Deleuze-Guattari e o candomblé, pensando mito, ciência, arte e culturas de resistência. *Revista Educação e Sociedade*, ano XX, nº167, dezembro de 1999b.

GAUTHIER, Jacques Zanidê; SANTOS, Iraci dos. *A Sócio-Poética: fundamentos teóricos, técnicas diferenciadas de pesquisa, vivência*. Rio de Janeiro: UERJ, DEPEXT, NAPE, 1996.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. 11 ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

KESSELMAN, Hernan. Los “heteronimos” en el psicodrama: “Otrar-se”, hacerse outro. *Cadernos de Psicologia*. Jueves, 29 de Marzo de 2007. Disponível em: <http://www.pagina12.com.ar>. Acesso em: 20 de outubro de 2007.

KIRST, Patrícia Gomes. Redes do olhar. In: FONSECA, Tânia M.G. e KIRST, Patrícia G. (Orgs.). *Cartografias e devires: A construção do presente*. Porto Alegre, RS : UFRGS, p. 43-52, 2003.

PETIT, Sandra Haydée; SOARES, Rosileide de Maria Silva. GT- 06 Educação Popular . In: 25º REUNIÃO ANUAL DA ANPED. CAXAMBU, 2002. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/25/.../sandrahaydeepetit06.rtf

PETIT, Sandra; GAUTHIER, Jacques; SANTOS, Iraci; FIGUEIREDO, Nébia. Introduzindo a Sociopoética. In: SANTOS, Iraci dos et. al. (Org.). *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: Abordagem Sociopoética*. São Paulo, SP : Atheneu, p. 1-16, 2005.

PLACER, Fernando. O outro hoje: uma ausência permanentemente presente. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (Orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 79-90, 2001.

SANTOS, Iraci dos; SANTANA, Rosimere Ferreira. Dialogicidade na sociopoética: aplicando os princípios da teoria da ação dialógica de Paulo Freire. V COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE – Recife, 19 a 22 de setembro de 2005.

SANTOS, Iraci dos. A Sensibilidade e Intuição na Produção dos Dados. In: SANTOS, Iraci dos et. al. (Org.). *Prática da Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais: Abordagem Sociopoética*. São Paulo, SP : Atheneu, p. 195-216, 2005b.

SILVEIRA, Lia Carneiro et. al. A sociopoética como dispositivo para produção do conhecimento. *Revista Interface: comunicação, saúde e educação*. vl. 12, n. 27. p. 873-81, out/dez 2008.

SOARES, Rosileide de Maria Silva. Linguagens artísticas na sociopoética: potencializando a construção coletiva do conhecimento no Círculo de Cultura. *Revista Entrelugares*. v.1, n.1, set 2008/Fev 2009.

Disponível em: <http://www.entrelugares.ufc.br/numero1/artigospdf/rosil.pdf>. Acesso em: 15 de junho de 2009.

_____; GAUTHIER, Jacques; PARIGIPE, Lymbo. Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética. In: SATO, Michèle e CARVALHO, Isabel (Orgs.) *Educação Ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artmed, p. 99-118, 2005.